

A IMAGEM DA CRISE NA MODA: DA ESTÉTICA DO DESASTRE AO CRIME

The Image of Crisis in Fashion: From The Aesthetics of Disaster to Crime

Souza, Gabriela dos Santos; Discente da Universidade Federal de Minas Gerais,
gabsouza@ufmg.br¹

Adverse, Angelica; Professora Adjunta da Escola de Belas Artes da UFMG. Professora
Permanente do Programa de Pós-Graduação em Artes da UFMG / UEMG,
adverseangelica@gmail.com²

Laia, Thalston Gama de; Discente da Universidade Federal de Minas Gerais,
tlaia@ufmg.br³

Resumo: O artigo apresenta uma análise sobre a crise contemporânea nas imagens da moda, partindo do desfile-performance intitulado Breu, da marca Apartamento 03. Problematizamos como a aproximação com os relatos historiográficos reflete uma ética da responsabilidade. As imagens e os produtos da moda podem representar o ar sombrio do tempo.

Palavras chave: Crise; desastre; crime.

Abstract: The article presents an analysis of the contemporary crisis in fashion images. From the performance-show entitled Breu, by Apartamento 03, we will address the crisis and representation in fashion images. We discuss how the approach to historiographical accounts reflects an ethics of responsibility. Fashionable images and products can represent the gloomy air of time.

Keywords: Crisis; disaster; crime.

¹ Técnica em Produção de Moda - CEFET-MG e graduanda em Design de Moda - EBA/UFMG. Pesquisadora - bolsista (PRPQ - ADRC/UFMG) na pesquisa " Crise, Crime & Desastre: Dispositivos da Moda & Estratégias da Arte ao Fio do Tempo" sob coordenação da Prof. Dra. Angélica Adverse

² Pós-doutorado em História pelo PPGHistória - FaFICH/UFMG. Professora Adjunta do curso Design de Moda - EBA/UFMG. Professora Permanente dos Programas de Pós-Graduação em Artes da UFMG e UEMG.

³ Comunicólogo com habilitação em jornalismo pela Universidade Federal do Espírito Santo, Ilustrador e arte-educador com foco em percepção visual.



Nós somos passivos em relação ao desastre, mas talvez o desastre seja a passividade.
Maurice Blanchot

Introdução

As imagens da moda na contemporaneidade têm tentado construir uma semântica para expressar a nossa realidade. Nesse aspecto, a linguagem do estilo choca-se com os limites da realidade em si mesma. O presente artigo parte dessa tentativa de compreender em que medida as imagens da moda problematizam as diversas instâncias de uma crise que instabiliza a nossa vida contemporânea. Para tanto, nós elegemos como objeto de nossa pesquisa o desfile Breu, do Verão 2020/2021, da marca Apartamento 03. O trabalho foi coordenado pelo estilista Luís Cláudio Silva e seu objetivo foi apresentar de forma simbólica uma leitura do escuro do tempo. Esse caráter sombrio revela as incertezas que pairam sobre o nosso espaço social, sobre os regimes políticos democráticos, sobre os sistemas econômicos, atuando e influenciando em toda esfera ambiental. Logo, a crise com a qual nos deparamos desloca-se de uma percepção temporal simbólica para a construção de uma narrativa que modela e orienta o nosso discurso histórico.

A proposição desse artigo é permear três questões referentes à representação da crise contemporânea pela moda. No primeiro momento do nosso texto, nós iremos nos deter sobre a dimensão contemporânea da história para debater os conceitos de crise, desastre e crime, com o intuito de pensarmos a relação entre criação, realidade e documento crítico. Na segunda parte, nós vamos pensar a dimensão da linguagem do desfile de moda e a sua relação com a problematização dos problemas históricos e sociais a partir dos dispositivos da arte. Interessamos pensar a dimensão estética dessa figuração do real e o modo como essas imagens revelam a experiência da imagem e a narrativa do desastre.

Encontro marcado: um passado à nossa espera no futuro

Benjamin (1994, p.223) constrói a imagem da narrativa da história como um tipo de chamado que o passado nos faz. Em cada acontecimento do outrora existe um índice silencioso, o qual pode ser compreendido na medida em que nos propomos a escutar as vozes silenciadas do passado. Pois, segundo o autor, há em cada eco do presente um sopro do ar que



fora respirado pelas antigas gerações. Dessa maneira, as vozes que escutamos no presente trazem em si o eco das vozes que emudeceram no passado. Nesse caso, há em cada presente uma tarefa da escuta. Nas imagens do presente nós devemos nos atentar ao encontro marcado entre as gerações precedentes e a nossa. Essa questão nos leva a pensar que, em um determinado momento do futuro, serão as nossas vozes que ecoarão no ar que hoje nós respiramos. Isso posto, partimos em busca de imagens que buscam vozes e relatam o eco da realidade histórica em que vivemos.

Com a Pandemia da COVID 19, agravou-se ainda mais os problemas instituídos após a crise financeira de 2008. Em 2013, a pesquisadora de tendências Li Edelkoort lançou um manifesto intitulado *Plano B* no qual tentava problematizar a crise econômica. De acordo com ela, a saída seria um tipo de onirismo capaz de enfrentar todas as incertezas do mundo contemporâneo. Atualmente, vivenciamos não somente uma crise financeira, mas uma crise nos sistemas que estruturaram a base dos processos de produção e de consumo. A Pandemia acentuou a crise de uma sociedade baseada no capital e nos mostrou que é necessário pensarmos num plano B para se colocar em questão o ritmo de produção e de consumo. Assim, nós poderemos analisar os impactos ambientais e a estrutura dos modelos políticos que priorizam as agendas liberais. Como sugere Attali (2009), a ideologia liberal nos mostra que o sistema econômico atende apenas a uma minoria e o apoio financeiro prestado aos bancos, após 2008, coloca em xeque os valores das sociedades democráticas contemporâneas.

Quanto a esse ponto, é importante lembrarmos o que nos diz Arendt (1992) a respeito da herança nos foi legada sem testamento; o colapso que hoje vivenciamos é um passado legado pelo nosso tempo presente. Por isso, é importante que nos atentemos às vozes que ecoam a realidade dos acontecimentos vividos, vozes que ora celebram o escândalo da exceção e que ora suspiram o seu silêncio do medo. Escutar os ecos do passado, pode iluminar, em certa medida, essa aura sombria do presente porque a escuta e a fala nos ajudam a resistir às mitologias. Como nos disse Hessel (2011, p.19), é preciso engajar a nossa voz em nome da responsabilidade humana. Tais questões são postas para problematizarmos a responsabilidade dos designers, criadores, diretores de arte, fotógrafos frente às questões que herdamos no curso das ações históricas. Dessa maneira, nos propomos observar e refletir sobre a maneira como o campo da Moda apresenta a sua inquietação diante das inúmeras crises que vivenciamos. As



ações e reflexões proferidas pelo campo da Moda têm uma preocupação em narrar os efeitos da crise na dimensão imaginária, problematizando os acontecimentos históricos contemporâneos para efetuar um encontro marcado com a nossa realidade.

A responsabilidade como um princípio para a criação

Contemporaneamente, torna-se inquietante pensarmos no ritmo do sistema da moda e de seus lançamentos tanto pela questão ambiental quanto pela complexidade das ações do sistema da moda para o nosso futuro. As revistas de moda iniciaram campanhas para reverem a produção das capas, os editoriais e a curadoria de conteúdos. Por exemplo, a decisão da Vogue Itália em publicar uma edição apenas com ilustrações de moda intencionava chamar a atenção para a crise climática. A Vogue Itália também se engajou na produção de imagens que revelaram os desafios de enfrentamento da Pandemia, apresentando a capa vazia na edição de abril de 2020. A revista Marie Claire Mexicana engajou-se nesse relato testemunhal, elegendo a imagem do fotógrafo Alberto Giuliani para a capa. Giuliani fotografou a médica italiana Olivia Giorgi com as marcas da máscara em seu rosto e a capa apresentou a seguinte legenda: “as reais influenciadores: a resiliência tem rosto de uma mulher” (NUNES, 2020, sem paginação). Entendemos que essas iniciativas devem ocasionar a reflexão também entre as revistas brasileiras de Moda, as quais parecem ter demonstrado certa insensibilidade aos graves problemas que afetam o país na atualidade.

Por isso, cabe lembrarmos as considerações de Hans Jonas (2006) sobre a ética do futuro e sobre aquilo que ele denominou de “princípio de responsabilidade”, que deve orientar nossas ações. Afinal de contas, as imagens da moda e a experiência estética por elas suscitadas influenciam fortemente o comportamento, erigindo verdadeiros princípios de ação que têm força universalizante. A representação pode ser pensada nesse caso como um tipo de agir ancorado numa responsabilidade que orienta o agir humano. Quando Jonas (2006, p. 47) cita o imperativo moral kantiano – “ajas de modo que tu também possas querer que tua máxima se torne lei universal” –, ele está chamando a atenção para uma aprovação moral que revela um modo coletivo de existir. Nessa linha de pensamento, nós podemos perceber que a orientação coletiva mobiliza os afetos de maneira que tal imperativo possa conduzir ao sentido de preservação de uma coletividade. Por isso, ele nos sugere que o princípio da ação ética e da



escolha moral diz respeito à construção de uma consciência cosmopolita: “inclua na tua escolha presente a futura integridade do homem como um dos objetos do teu querer” (JONAS, 2006, p.48). Assim, as imagens produzidas pela moda no tempo presente sugerem uma responsabilidade crítica diante dos desastres e, conseqüentemente, de alguns crimes desencadeados pela ausência de uma consciência ética com relação ao futuro. Essa consciência seria o princípio de nossa responsabilidade para com a vida futura. Nesse sentido, torna-se válido analisarmos a ideia de crise porque a história contemporânea diz respeito igualmente à uma crise de consciência que conduz às ações passivas e destrutivas.

O Breu e suas Interseções

O desfile BREU, da marca mineira Apartamento 03, coordenado pela direção artística de Luís Cláudio, teve como ponto de partida a obra *O Ensaio Sobre a Cegueira* (1995), do escritor português José Saramago. Na narrativa em questão, uma epidemia de cegueira se espalha por uma cidade, obrigando a sociedade a lidar não apenas com a falta da visão, mas com tudo isso que ela acomete ou potencializa, tais como: a violência, a degradação, a ruptura do tecido social e o abandono. Não por acaso, o desfile da Apartamento 03 também acontece em meio a uma situação de crise sanitária, (uma pandemia) e, assim como na obra de Saramago, estamos diante de uma situação sem precedentes e cercada de desafios: “ tudo que havia agora é outra coisa, e este é um registro de um trabalho interrompido em choque com uma nova realidade” (APARTAMENTO 03, 2021).

O desfile teve de ser adaptado para o meio digital (especificamente, a rede social Instagram) devido a protocolos de saúde. Ao adotar a linguagem da vídeo-performance, o desfile teve duração de quatro minutos e cinco segundos, e começa com três modelos vestidos com roupas brancas da marca. Todas usam máscaras da mesma cor e tem seus movimentos guiados por figuras trajadas de preto, que se confundem com o fundo do cenário, marcado pelo breu. Essas figuras deixam as modelos em evidente vulnerabilidade e impotência, além de serem suscetíveis a manuseios involuntários. De acordo com a marca, tal situação pode ser conectada com o livro de Saramago a partir do momento em que, de acordo com ela, “estamos mansamente nos habituando a não



enxergar - não olhar ao redor - manipulados por mãos que nos mimetizam sem ao menos nos tocar” (APARTAMENTO 03, 2021).

Na sequência, essas modelos desfilam, mostrando detalhes das peças confeccionadas. Nesse momento, as mesmas figuras que se escondiam saem do breu para se colocarem à frente das mulheres. Posteriormente, elas voltam a guiá-las e introduzem leves mudanças no *styling* apresentado. Por fim, novas peças são apresentadas, dessa vez utilizando cores pretas. A introdução desses looks marca uma ampliação no controle efetuado pelas figuras, ao mesmo tempo em que ressaltam uma vulnerabilidade ainda maior das modelos, que parecem dançar com as inúmeras “sombras” que aparecem no cenário, em total impotência. Impotência essa que acometeu fortemente a sociedade na situação pandêmica, evidenciando desigualdades, feridas e crimes que antes pareciam adormecidos e escondidos no seio da sociedade (além daqueles perpetrados no decorrer desse cenário). O ato final do desfile é composto por duas situações emblemáticas. Na primeira, a mulher aparenta luto e parece chorar devido a toda situação ocasionada. No momento posterior, ela é consolada pelas “sombras”, em uma aparente aceitação de sua fragilidade e do não domínio pleno de seu destino.

Figura 2. Breu, Vídeo-Performance , Desfile Apartamento 03, Outubro de 2020



Fontes: <https://vogue.globo.com/desfiles-moda> acesso 10 de Junho de 2021

Breu é uma obra simbólica para a crise contemporânea e a narrativa proposta sugere a escrita de um desastre, desastre que figura uma total ausência de consciência

efetiva do sujeito diante das suas ações. A manipulação figurada remete à epígrafe de nosso texto, pois o verdadeiro desastre vai além do fato em si mesmo, passando a recobrir a ação que tomamos diante dele como sugere Blanchot (1990). Esse é o ponto em que nos deparamos com a possibilidade da crise se transformar em desastre. A mensagem da marca Apartamento 03 na rede social Instagram pontua:

Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara. No início de fevereiro deste ano interrompemos nossos trabalhos rodeados por um breu de incertezas. As roupas ficaram embaladas e lá ficaram guardadas à espera dos corpos. Tudo que havia agora é outra coisa e este é um registro de um trabalho interrompido em choque com uma nova realidade. O ponto de partida é o romance de José Saramago, onde ninguém tem nome, que narra a parábola do mal branco, uma cegueira súbita. Estamos mansamente nos habituando a não enxergar - não olhar ao redor - manipulados por mãos que nos mimetizam sem ao menos nos tocar. Buscando liberdade desse simulacro. (APARTAMENTO 03, 2020, sem paginação)

Nesse aspecto, a passividade das ações e a incapacidade de reflexão para a criação de uma visão crítica diante da realidade poderia sugerir a concreção do desastre. Algo que nos lembra a lição da banalidade do mal, analisada por Arendt (1999, p.274), em que ações e pensamentos orientam as nossas palavras. O Breu seria portanto a alegoria de um momento sombrio no qual as luzes da nossa consciência adentram o lusco-fusco que anunciam a grande noite: o desastre. Como sugere Dupuy (2002), o desastre é portanto o problema da crise que nos permeia porque dele nos é exigido uma ação, mas diante de uma crise ética um conceito não pode ser fornecido para aquele que é destituído de sua capacidade crítica. A dimensão da experiência estética proposta pelo desfile-performance Breu (2020/2021) torna evidente como a linguagem da moda pode significar o desastre. Trata-se, como sugere Didi-Huberman (2018, p.63), de abrir os olhos diante daquilo que é terrível e, depois de escolher, compreender e pensar o mal.

A estetização do desastre é a tentativa de instaurar um campo visual de tensões para que a ambivalência potencialize o jogo de perspectivas diante da realidade. Nesse caso, a imagem adota uma postura estratégica porque integra o princípio do design adverso. Dito em outras palavras, seria a orientação proposta por Bernward (2012), para quem a criação em design poderia criar palavras através das coisas. No caso da moda, em particular, pelas imagens do desfile Breu (2020/2021), há implicações políticas e morais que envolvem os corpos, as roupas e as imagens. Tal como sugere Morin (2013), existe uma ética da compreensão e da recepção que nos leva a reconhecer os limites e as incertezas históricas.



Considerações Finais

Apresentamos em nosso texto uma tentativa de pensar a crise contemporânea e a representação de suas imagens pela moda. O artigo compreendeu em que medida a representação do desastre pode tornar-se um *input* para refletirmos sobre o nosso presente e também sobre o nosso futuro. A ideia em questão foi pensar em que medida estilistas e designers têm assumido a responsabilidade de propor um encontro de seus espectadores como o real de seu próprio tempo. Pode-se dizer que estamos numa época crítica, em que está havendo uma mudança, mas dependemos da orientação crítica de nossas ações para construirmos uma ética para o futuro. A ausência de uma responsabilidade moral coletiva diante da crise contemporânea poderá nos conduzir ao desastre. Esse foi o ponto que tentamos ressaltar pelo processo de estetização, apresentado pelo desfile-performance Breu da marca mineira Apartamento 03. A tentativa de apresentar uma manipulação dos corpos por sombras tenta refletir sobre a razão misteriosa da mente humana em abdicar-se de uma construção particular de pensamentos e de ações, adotando simulacros. Essa questão apresentada pelo desfile Breu nos levou a pensar todo o momento presente, dados os múltiplos crimes e crises que vivenciamos, e que envolvem sujeito e ambiente. São crises e crimes internos, econômicos, sanitários, políticos, e assim temos uma avalanche que definimos como o desastre, ou seja, o produto social da expressão da vulnerabilidade humana.

Referências

APARTAMENTO 03. **Breu**. In: <https://www.instagram.com/tv/CHV2oOElw3C/> acesso 10 de junho de 2021.

ATTALI, Jacques. *La Crise, et après?* Paris: Fayard, 2009.

ARENDDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém. Um relato sobre a banalidade do mal**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ARENDDT, Hannah. *Entre o Passado e o Futuro*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

BADIOU, Alain. **Em Busca do Real Perdido**. Belo Horizonte: Autêtica, 2017.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas: Magia & Técnica, Arte & Política**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERNWARD, Jorges. **Do Politics have Artefacts.** In: Social Studies of Science, ISSN 1460-3659, Sage, Thousand Oaks, Vol.29, Iss.3, pp.411-431.

BLANCHOT, Maurice. **L'écriture du Désastre.** Paris: Gallimard, 1980.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Remontagens do Tempo Sofrido. Olho da História.** Belo Horizonte: UFMG, 2018.

DUPUY, Jean-Pierre. **A Catástrofe e a Precaução.** In: Desenvolvimento e Meio Ambiente, N5, p. 121-129, jan./jln. 2002. Editora UFPR.

JONAS, Hans. **O princípio responsabilidade. Ensaio de uma ética para a civilização tecnológica.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

MORIN, Edgar; VIVERET, Patrick. **Como Viver em Tempo de Crise?** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

NUNES, Mônica. **Alienada, revista Vogue Brasil 'glamouriza' a pandemia do coronavirus: espelho do país?.** In: <https://conexoplaneta.com.br/blog/alienada-revista-vogue-brasil-glamouriza-o-periodo-pos-pandemia-espelho-do-pais/#fechar> acesso 10 de junho de 2021.

